

Representação do Rúgbi Feminino: Análise da Cobertura Midiática na conquista do Bronze nos Jogos Pan-Americanos de 2015 ¹

Marta Regina Garcia CAFEO ²
José Carlos MARQUES ³

Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho- Unesp, Bauru, SP

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo verificar a cobertura midiática sobre a primeira medalha de bronze obtida pela Seleção Feminina de Rúgbi em sua história, feito ocorrido no Pan-Americano de 2015 no Canadá. O rúgbi é um esporte de alto contato e originalmente praticado por atletas masculinos. A modalidade, após 92 anos de exclusão, estará presente nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016. Para tanto, a variante de *rugby sevens* foi incluída na programação do Pan-Americano do Canadá, que contou com a participação das seleções brasileiras femininas e masculina. A proposta é compreender, através da Análise de Discurso, como as jogadoras de rúgbi e a seleção feminina estão sendo representadas nas mídias digitais, e como se dá a construção da representação social e da identidade de um esporte que, no senso comum, está relacionado com a brutalidade e a força física.

Palavras-chave: Representação, Rúgbi, Mulheres, Pan-Americano, Mídia.

Introdução

A história das mulheres no universo cultural dos jogos moderno é marcada por lutas e resistências, já que, desde o início do século XIX, foram discriminadas no universo das práticas desportivas com proibições e preconceitos que atingiam diversas modalidades, em especial aquelas que apresentam características “masculinas”, como o rúgbi. Somente a partir da primeira década do século XX a participação das mulheres ampliou e conquistou espaços, porém ainda prevalecendo as distinções entre as práticas para homens e mulheres. Portanto, a participação das mulheres no universo cultural esportivo é pautada por persistência, rupturas, transgressões, avanços e recuos.

O rúgbi é um esporte, assim como o futebol, originalmente masculino pelas características associadas à modalidade como força, alto contato e rapidez. Há 92 anos foi excluído dos Jogos Olímpicos, devido a problemas de comportamento dos jogadores, mas que em 2016 terá a sua rees-

¹ Trabalho apresentado no GP de Esporte e Comunicação no XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da (UNESP) Campus Bauru – SP. Docente da Faculdade Anhanguera de Bauru. Email: martacafeo@gmail.com.

³ Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Docente do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus de Bauru – SP. E-mail: ze-ca.marques@faac.unesp.br.

treia como modalidade Olímpica no Rio de Janeiro, com torneio feminino e masculino de *rúgbi sevens*.

O Brasil por ser o país sede, teve a participação confirmada das duas seleções, a feminina e masculina, e por isso a Confederação Brasileira de Rúgbi vem desde 2010 trabalhando no desenvolvimento do esporte no país, através de um projeto de gestão esportiva. Vale destacar que apesar de este esporte não estar presente com frequência na mídia esportiva e ser desconhecido no Brasil para grande parte da população, a seleção brasileira feminina de rúgbi é decacampeã sul-americana e considerada uma das forças mundiais do esporte.

Com a volta do rúgbi nas Olimpíadas, o esporte foi também incluído nos Jogos Pan-Americanos, em Guadalajara – México (2011), na modalidade masculina, e em 2015 os Jogos de Toronto – Canadá contaram com o torneio feminino e masculino. A Seleção Brasileira Feminina de Rúgbi foi medalha de bronze nos Jogos Pan-Americanos de Toronto.

Este artigo analisa através da Análise de Discurso as representações da seleção feminina na cobertura midiática da conquista da medalha de Bronze nos Jogos Pan-Americanos de Toronto em 2015, buscando compreender se os discursos podem contribuir para popularizar o esporte e ou reafirmar as representações socialmente construídas das mulheres no esporte.

As representações sociais da mulher nos esportes

É no universo sociocultural que são produzidas e naturalizadas as representações sociais, isto é, um sistema de produção de significados, através das representações mentais, linguagens e signos. De acordo com Stuart Hall (2002), a representação através da linguagem é central para os processos pelos quais é produzido o significado:

Representación es la producción de sentido e de los conceptos em nossas mentes mediante el lenguaje. Es el vínculo entre los conceptos y el lenguaje que nos capacita para referimos, sea al mundo “real” de los objetos, gentes o evento, o aun a los mundos imaginários de los objetos, gente o evento (HALL, 2002, p. 4)

Desta forma a representação social da mulher hoje nos esportes, ainda está relacionada a toda trajetória de discriminação ao longo de vários séculos enfrentados pelas mulheres; propagados através de discursos de sexo frágil, inferioridade, feminilidade, etc. É fato que por um longo período a sociedade reprimiu a mulheres de praticar esportes que implicam em contato físico, força ou propulsão do corpo.

Para Moscovici (2007, p.21), as representações sociais (RS) são um sistema de valores, ideias e práticas construídos socialmente, por meio do qual indivíduos e comunidades estabelecem uma ordem para se orientarem no mundo material e social e controlá-lo e, também, comunicam-se e

constroem um código para nomear e classificar os aspectos do mundo e da sua história individual e social.

Já para Hall (1997) a representação pode ser compreendida dentro de uma lógica que ocorre dentro daquilo que ele chama de sistemas de representação. O primeiro sistema de representação está relacionado com a capacidade humana para o processamento mental da linguagem, não se trata de formação de conceitos individuais, mas de diferentes formas de organizar, agrupar, regular e classificar conceitos, estabelecendo relações entre eles.

Desde o surgimento dos Jogos Olímpicos da era moderna no final do Século XIX, a inclusão das mulheres em atividades físicas e desportivas foi um processo longo e difícil. O Barão Pierre de Coubertin, fundador do Comitê Olímpico Internacional (COI) em 1896, não concordava com a participação das mulheres, exceto como espectadoras, pois via nos jogos um momento para celebrar a masculinidade, através da prática atleta da força, virilidade e coragem (TURINI; DaCOSTA, 2002).

De acordo com MOSCOVICI (2007, p.67), as formas de representações são originadas a partir de dois mecanismos de um processo baseados na memória e em conclusões passadas: a ancoragem e a objetivação. A ancoragem é uma aproximação de algo desconhecido para um paradigma que já está estabelecido anteriormente nomeando o objeto, que se torna distinto pelas características que são atribuídas, isto é tornando-se também “objeto de uma convenção entre os que adotam e partilham a mesma convenção”. A objetivação é outro mecanismo que origina a representação social, sendo mais atuante que o anterior. Esse mecanismo consiste em transformar ideias e noções em algo quase concreto, em algo que exista no mundo físico, unindo a ideia de não familiaridade com a de realidade, sendo percebido primeiramente como um universo puramente intelectual e remoto, para depois aparecer de forma física e acessível (MOSCOVICI, 2007, p.71).

Para conquistar o espaço no mundo dos esportes, assim como em muitas outras áreas, as mulheres tiveram que lutar devido às representações sociais e culturais ligadas à ideia de fragilidade física feminina e da grandeza física do homem. Como afirma Del Priore (2001, p. 604), as mulheres são “herdeiras de ideias antigas, mas sempre renovadas, de que estas nascem para ser donas de casa, esposas e mães”. Noções essas que contribuem para naturalizar a ideia da natureza passiva e frágil da mulher.

De acordo com Turini; DaCosta (2002, p. 219), os valores do esporte moderno tiveram sua origem “no cavalheirismo, um comportamento social europeu existente no século XIX, significava o homem nobre, honrado e honesto (*ethos cavalheiresco*), provenientes dos valores cristãos ocidentais e dos valores humanistas relacionados ao Renascimento”. Desta forma é possível verificar que os valores do esporte moderno estão associados às questões de gênero, que abrangem como as sociedades e culturas humanas apresentam o masculino e o feminino.

A condição social por meio da qual nos identificamos como masculinos e femininos. É diferente de sexo, termo usado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres e vice-versa. O gênero, portanto, não é algo que está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino (GOELLNER, 2010, p. 75).

É notório que as posições e ocupações sociais de mulheres e homens na sociedade foram fundamentadas em contextos culturais diversificados. No ambiente esportivo, a mulher deveria ser expectadoras, pois as relações de poder da estrutura social foram e continuam sendo em muitos casos preconceituosas e discriminatórias e de sub-valorização de papéis (SIMÕES, 2003, p. 15).

Para Moscovici (2007, p. 218), é necessário compreender como os sujeitos agem para definir a si mesmo e agir no social. Assim a representação social é constituída como um processo, e está sempre em transformação, já que outros fatos e discursos serão incorporados ou refutados. Somente em 1925, foi aprovada a participação das mulheres nas Olimpíadas, ainda assim com limitações em determinadas modalidades e provas. Até a década de 1960, a participação das mulheres oscilava bastante, sempre com proibições.

Na 70ª sessão do C.O.I., em Amsterdã, foi proposto que as mulheres fossem autorizadas a competir em qualquer esporte praticado por elas, na condição de que a modalidade fosse praticada por mulheres em no mínimo 25 países e em dois continentes. Os XX Jogos Olímpicos de Munique, 1972, pela primeira vez, reuniram-se mais de mil atletas mulheres, representantes de 65 países, disputando 43 eventos em oito modalidades (TURINI, DaCOSTA, 2002, p. 719)

Com essas determinações a década de 1970 foi importante para o crescimento da participação feminina nos jogos olímpicos, que se consolidaram na década 1980 com as mudanças propostas nas políticas interna do COI, para o esporte feminino e com a divulgação de um parecer do Colégio Americano de Medicina esportiva, favorável à participação feminina em modalidades esportivas de longa duração.

Nos XXV Jogos Olímpicos de Barcelona, 1992, quase três mil atletas mulheres competiram em dezenove modalidades. Porém, o grande avanço do COI em relação à mulher no esporte aconteceu no Congresso Olímpico Centenário, realizado em 1994, em Paris, em comemoração aos 100 anos da reedição dos Jogos Olímpicos da era Moderna. Na reunião ficou acordado que o comitê deveria promover a participação em todos os níveis e garantir as bases de igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, visando proporcionar as mulheres um papel significativo no Movimento Olímpico.

Desta forma é evidente que a representação da mulher no esporte está associada à ocupação dos espaços em termos de poder, entre o homem/masculino e a mulher/feminino. Portanto a inclu-

são das mulheres nos esportes foi pautada por lutas e persistência, para romper com os estereótipos femininos estabelecidos tais como obediência, maternidade, subjetividade, passividade, ternura e emotividades.

De acordo com Goellner (2012), nos Jogos Olímpicos de Londres, as mulheres representaram 44% do total de atletas participantes, sendo que todos os 204 países participantes tinham atletas de ambos os sexos em suas delegações e o número de medalhas conquistadas pelas mulheres avançou a posição de alguns países no quadro final de classificação. O Brasil participou com 123 mulheres de um total de 259 participantes.

De acordo com Relatório Anual Sócio Econômico da Mulher (RASEAM), há hoje no Brasil uma inserção cada vez maior de mulheres em competições de alto nível. O Programa Bolsa Atleta é destacado como uma política pública que vem contribuindo para promover igual estímulo entre os esportes femininos e masculinos, tendo como “objetivo subvencionar as/os atletas de alto rendimento que obtêm bons resultados em competições nacionais e internacionais de sua modalidade, desde as categorias de base até atletas olímpicas/os e paralímpicas/os” (RASEAM, 2014).

Já no campo da direção esportiva e ao acesso a cargos de responsabilidade nas organizações desportivas, as mulheres são minoria absoluta, que reflete também as pesquisas de mulheres nos altos cargos das organizações; segundo a qual quanto maior a hierarquia, menor é o número de mulheres (RASEAM, 2014).

A História do Rúgbi nas Olimpíadas

O rúgbi é um esporte de ganho territorial, que tem como objetivo chegar à linha final de fundo no campo do adversário para marcar o *try*. É jogado com uma bola oval levada pelas mãos, porém durante o jogo corrente é possível utilizar os pés. Há duas modalidades: o *Rugby Sevens*, modalidade olímpica, com sete jogadores de cada lado e dois tempos de 7 minutos; e o *Rugby Union* tradicional com 15 jogadores de cada lado, com dois tempos de 40 minutos.

De acordo com o IRB (2015), o rúgbi masculino participou pela primeira vez de uma Olimpíada nos Jogos realizados em Paris, em 1900, sendo a França o primeiro país campeão olímpico de rúgbi. Porém nos Jogos seguintes, em Saint Louis, a modalidade esportiva não fez parte do programa olímpico. Já em 1908 nos Jogos de Londres o rúgbi voltou a participar das olimpíadas, e a “Australasia” (um combinado de jogadores australianos e neozelandeses) ficou com a medalha de ouro. Em 1912 novamente o rúgbi ficou fora dos Jogos Olímpicos, e a Olimpíada de 1916, que seria realizada em Berlim, por conta da I Guerra Mundial foi cancelada. Nos Jogos de 1920 disputados na Antuérpia e 1924 em Paris, o rúgbi esteve presente, tendo os Estados Unidos da América como campeão olímpico.

Segundo o *International Rugby Board* (IRB), entidade máxima responsável pelo rúgbi, foi nas Olimpíadas de Paris que o rúgbi foi expulso do programa olímpico, devido a problemas que ocorreram na partida final disputada entre os EUA e a França, onde a torcida francesa invadiu o campo para agredir árbitros e jogadores americanos.

O IRB vem trabalhando para promover a modalidade em várias partes do mundo, incentivando a inclusão do esporte como fator educacional. As Olimpíadas do Rio e Janeiro de 2016 marcam a volta da modalidade masculina, após 92 anos de exclusão, e a estreia da feminina nos Jogos Olímpicos. Para preparação da modalidade, o rúgbi também foi incluído nos Jogos Pan-Americanos desde 2011.

Jogos Pan-Americanos

Os primeiros Jogos Pan-Americanos foram realizados em 1951 em Buenos Aires, na Argentina, com a participação de mais 2.500 atletas vindos de 22 países. Entretanto, a sua origem é atribuída inicialmente aos membros do Comitê Olímpico Internacional de Cuba, Guatemala e México, que, durante o Congresso Olímpico dos Jogos de Paris em 1924, apresentaram uma proposta para realização de jogos regionais, entre os países da América Central. Os primeiros Jogos da América Central foram realizados, dois anos depois, na Cidade do México (ODEHA, 2015).

De acordo com Organização Desportiva Pan-Americana (2015), foi durante os Jogos Olímpicos de 1932, realizados em Los Angeles, que os representantes das delegações latino-americanos propuseram a criação dos Jogos Regionais nas Américas. Em agosto de 1940, foi realizado em Buenos Aires, pela primeira vez, o Congresso Esportivo Pan-Americano, que escolheu a cidade para sediar os primeiros Jogos Pan-Americanos em 1942, que foram adiados devido à Segunda Guerra Mundial.

No segundo Congresso Esportivo Pan-Americano realizado em Londres durante as Olimpíadas de 1948, a proposta dos Jogos das Américas surgiu novamente e foram realizados os planos para a primeira edição dos Jogos Pan-Americanos. A Organização Desportiva Pan-Americana (ODEPA) é a responsável pela organização dos Jogos, sendo composta hoje por 42 nações da América do Norte, América Central, América do Sul e Caribe, tendo como línguas oficiais o Espanhol e Inglês (ODEHA, 2015).

Com a volta do rúgbi nas Olimpíadas do Rio de Janeiro de 2016, a modalidade *Rugby Sevens* masculina, com torneio de oito equipes, teve sua estreia nos XVI Jogos Pan-Americanos, em 2011 realizado em Guadalajara no México. Os Jogos tiveram no total a participação de mais de seis mil atletas de 42 países em 36 esportes. Na ocasião a Seleção Masculina Brasileira de *Rugby Sevens* terminou a competição em 7º lugar.

Com foco nas Olimpíadas desde 2010, a Confederação Brasileira de *Rugby* vem desenvolvendo um programa de gestão esportiva, que tem como visão “Promover o desenvolvimento sustentável, o crescimento planejado e a melhoria da qualidade, com segurança, do *rugby* no Brasil”, como missão “Capacitar e desenvolver dirigentes, árbitros e treinadores para educarem os atletas, visando o crescimento, com qualidade, do *rugby* praticado em todos clubes e federações do País”. Como valores são apresentados o respeito, liderança; trabalho em equipe; transparência; governança corporativa, responsabilidade, integridade e comunicação (CBRU, 2015).

Nos Jogos Pan-Americanos de Toronto, realizados no Canadá em 2015, pela primeira vez houve o torneio feminino de rúgbi, após o esporte ter estreado nos jogos de Guadalajara somente com o torneio masculino. Em Toronto foi realizado o torneio masculino com oito equipes e o feminino com seis seleções. No segmento feminino o Canadá ficou com a medalha de ouro no feminino, os Estados Unidos com a prata e o Brasil com o bronze. No masculino o Canadá também ficou com a medalha de ouro, a Argentina com a prata e o bronze para os Estados Unidos; a seleção brasileira terminou na sexta posição.

Para Simões (2003), apesar da evolução do esporte moderno, ainda há um senso comum de que a sociedade aceita melhor as mulheres que praticam esportes tidos como femininos, isto é, aqueles que não encontram contradições nos meios sociais, que estão dentro de um padrão esteticamente aceitável.

Delimitando o corpus para análise

A cobertura midiática fundamenta-se como um espaço importante na esfera social, por contribuir com a construção das representações sociais. De acordo com Hall (2002, p. 10), “são os atores sociais que usam os sistemas conceituais de sua cultura, os sistemas linguísticos e os demais sistemas representacionais para construir sentido, para fazer do mundo algo significativo e para se comunicar com os outros sobre este mundo”. Portanto acredita-se que a mídia pode contribuir para criar uma representação para as jogadoras de rúgbi e ou reafirmar representações sociais já construídas ao longo da história.

A metodologia de análise utilizada é a Análise de Discurso (AD), baseado nos estudos de Eni P. Orlandi, que aponta que o objetivo da análise é descrever o funcionamento do texto. Para Orlandi (2008, p. 23), “o analista de discurso deve mostrar os mecanismos dos processos de significação que presidem a textualização da discursividade”. Portanto é preciso encontrar o funcionamento, baseado na noção de efeito metafórico, levando em consideração o texto, o interdiscurso e as ideologias. “As contradições ideológicas que se desenvolvem através da unidade da língua são

constituídas pelas relações contraditórias que mantêm, necessariamente, entre si os processos discursivos” (ORLANDI, 2005, p. 34).

Para as análises foram selecionados de forma aleatória cinco reportagens veiculadas em portais de notícias de grande visibilidade no Brasil, no dia 12 de Julho de 2015. E também a notícia veiculada no jornal Estadão, referente à medalha de Bronze conquistada pela seleção feminina de rúgbi no dia 13 de julho de 2015.

✓ O Globo é portal de notícias do jornal *O Globo* que está dentro do sítio da TV Globo, que ocupa a quinta posição entre os sites mais visitados do Brasil e a 118ª no ranking mundial (CANAL TECH, 2015)⁴.

✓ Estadão Digital é uma versão online do jornal *O Estado de S. Paulo*, o mais antigo dos jornais da cidade de São Paulo, disponível para assinantes, idêntico ao jornal impresso.

✓ Folha Online é um *sítio* de notícias do jornal *Folha de S. Paulo*, associado ao portal UOL.

✓ O portal de notícias UOL é o quarto site mais acessado no Brasil, ocupando a 101ª posição no ranking mundial. Dentro do site, além da página principal, se destacam pelos acessos a página da *Folha de S. Paulo* (17,08%), as seções de Notícias (11,10%), Esporte (10,22%) e Televisão (8,04%) (CANAL TECH, 2015).

✓ A ESPN é uma rede de televisão por assinatura dos Estados Unidos dedicada à transmissão e produção de programas esportivos 24 horas por dia, e o seu portal está dentro do UOL. Possui uma ligação com o rúgbi, já que desde 2003 transmite a Copa do Mundo de Rúgbi.

✓ O Lance é canal de notícias esportivas dentro do *sítio* do Terra, é um dos portais de notícias que também figura entre um dos mais acessados no Brasil.

A escolha das reportagens da cobertura midiática justifica-se, já que o rúgbi não é uma modalidade que está presente na televisão aberta. O esporte ainda também ganhou não espaço com frequência nos rádios e veículos impressos. Porém na internet, o número de blogs e sites sobre a modalidade cresce rapidamente.

Análise das Representações através da cobertura midiática

A medalha de bronze conquistada pela Seleção Feminina Brasileira de Rúgbi *Sevens*, no Pan-Americano no Canadá é considerada um marco importante para a modalidade esportiva no Brasil. Apesar de a medalha ser um dos objetivos da CBRu, devido à força e determinação que a seleção feminina vem mostrando há mais dez anos, já que é Decacampeã Sulamericana, foi muito

⁴ Disponível em <<http://canaltech.com.br/noticia/internet/veja-quais-sao-os-sites-mais-acessados-no-brasil-38887/>>. Acesso em 15 de jul. 2015.

comemorada pelos envolvidos com o esporte, pois ainda hoje o rúgbi é modalidade desconhecida para muito brasileiros. Portanto as notícias serão analisadas levando em consideração a produção do sentido e os discursos veiculados, que contribuem para a construção da representação da jogadora de rúgbi.

O Quadro 1 apresenta um resumo das reportagens selecionadas com todos os Títulos das Notícias sobre a medalha de Bronze do rúgbi feminino.

Quadro 1. Título das Notícias

Portais	Título da Matéria
OGlobo	No Pan, tupis sobem ao Pódio, com inédita medalha de Bronze para a Seleção Feminina de Rúgbi de Sete.
Estadão	Meninas levam o Bronze no rúgbi
Folha Online	Brasil goleia Argentina e conquista 1º bronze da história do rúgbi no Pan
UOL	Rúgbi é pancadaria? As brasileiras do Pan espantam a imagem da brutalidade.
ESPN	A Seleção Brasileira Feminina de rugby bate a Argentina e leva o Bronze
Lance	Brasil bate a Argentina no rugby feminino e fica com o Bronze

Fonte: Autores (2015)

O Portal OGlobo divulgou a matéria com o título “*No Pan, tupis sobem ao Pódio, com inédita medalha de Bronze para a Seleção Feminina de Rúgbi de Sete*”⁵. O veículo foi o único que fez referência ao símbolo “Tupi”, escolhido através de uma ação de marketing; organizada pela CBRu em votação aberta pela internet. Tupis remete à essência aguerrida dos indígenas. Segundo a entidade, a Seleção, ao ser chamada e conhecida por um apelido, promoveria uma proximidade dos jogadores com a torcida. Vale destacar que o símbolo é um índio do sexo masculino, o que pode reforçar as representações de que o rúgbi originalmente é um esporte masculino. Na notícia há também uma valorização positiva da medalha de bronze e do pódio pelo ineditismo, que favorece a modalidade que vem passando por um momento de desenvolvimento no país. Para Goellner (2009) a representação socialmente construída das mulheres no esporte, reafirmam discursos priorizando os corpos e aparências em vez de destacar as trajetórias, conquistas e frustrações. Neste caso é possível destacar que a notícia dá ênfase ao pódio e medalha inédita, mas não faz qualquer alusão às dificuldades enfrentadas diariamente pelas mulheres jogadoras de rúgbi.

Outro fato importante é a versão aportuguesada utilizada na matéria, “rúgbi de sete”, que pode contribuir com a popularização do esporte, já que a Confederação na sua comunicação institu-

⁵ Disponível em: Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/esportes/no-pan-tupis-sobem-ao-podio-com-inedita-medalha-de-bronze-para-selecao-feminina-de-rugbi-de-sete-16742579>>. Acesso em 14 jul de 2015.

cional optou por utilizar o termo em inglês ‘rugby sevens’, que dificulta o entendimento e dá uma ideia de esporte elitizado. O subtítulo também traz elementos para análise “*Na luta pela terceira colocação, em Toronto, as brasileiras arrasam as argentinas por 29 a 0*”. A representação da mulher esportista de forma geral está sempre associada a “lutar por algo”, pelo longo caminho que teve que percorrer para poder assegurar o direito de participar. Ao transformar metaforicamente o jogo de rúgbi em uma “luta”, é possível também associar o esporte a brutalidade e a violência.

Segundo Goellner (2010), por muito tempo as mulheres foram excluídas da prática de modalidades que ocasionam suor excessivo e esforço físico. Nesse sentido ao relacionar o esporte com a luta pode-se também atribuir características viris ao corpo feminino excessivamente transformado pelo exercício físico ou pelo treinamento em modalidade alto desempenho, que acabam por questionar a feminilidade e beleza das mulheres praticantes de rúgbi. Por outro lado ao afirmar que “*brasileiras arrasam as argentinas*”, podemos associar a rivalidade histórica existente entre os torcedores brasileiros e argentinos. Segundo Simões (2003 p. 26), “a rivalidade no esporte é um elemento de estímulo com todos os reflexos sociais”, que podem levar a fenômenos exagerados como bairrismo e nacionalismo exagerado.

O Jornal Estadão impresso e digital veiculou no dia 13 de julho no caderno especial de Esportes dos Jogos Pan-Americanos, uma reportagem de meia página intitulada “*Meninas levam o Bronze no rúgbi*”, com uma foto da comemoração em campo da seleção feminina (Figura 2). Ao utilizar a terminologia ‘meninas’ para representar a Seleção Feminina de Rúgbi, é possível relacionar as fragilidades atribuídas às mulheres que dificultaram a liberação das atletas para participação de forma mais efetiva nos jogos modernos.



Figura 1. Jornal o Estadão - 13/07/2015.

Fonte: Estadão Edição Online para Assinantes

No subtítulo da matéria “*Seleção Brasileira confirma favoritismo e atropela a rival Argentina na disputa pelo lugar ao pódio*”, novamente a rivalidade contra a Argentina está presente no discurso, e ao afirmar ‘favoritismo’ a notícia produz sentido de que já era esperado o desempenho da seleção feminina nesse esporte de alto rendimento. O discurso não valoriza a superação do rúgbi feminino, isto é das mulheres, pois banaliza a conquista. Por outro lado a palavra ‘atropela’ remete à força e brutalidade exigidas para a prática do esporte.

É preciso destacar que o Estadão, tanto na versão impressa do jornal, como na versão online e no seu sítio de notícias, foi o responsável pela reportagem com o maior número de informações, com falas das atletas e também destacando o uso de novas tecnologias (GPS) utilizado pelas jogadoras brasileiras no uniforme, visando mapear os movimentos, para identificar possibilidades de melhorias do desempenho individual.

A Folha Online publicou a reportagem de Marcel Meguizo, jornalista enviado a Toronto, com o título “*Brasil goleia Argentina e conquista 1º bronze da história do rúgbi no Pan*”⁶. Ao utilizar o verbo “goleia” cria-se uma aproximação do rúgbi com o futebol, o que pode favorecer a modalidade. A reportagem também corrobora para fomentar a rivalidade entre o Brasil e Argentina, já que ambos os países, usaram o futebol para construir a identidade nacional. Mas por outro lado não faz menção à seleção feminina ou às jogadoras de rúgbi, ocultando as conquistas das mulheres brasileiras que hoje adentraram nesse terreno culturalmente considerado como masculino. No Brasil o rúgbi feminino tem apresentando resultados melhores e mais consistentes do que o masculino, apesar de os homens possuírem um suporte de campeonatos e clubes muito maior do que as mulheres. Ao conquistar uma medalha inédita, a seleção feminina pode abrir portas para novos investimentos no esporte, assim como despertar o interesse para a prática da modalidade por mais mulheres, contribuindo para o desenvolvimento e crescimento da modalidade no país. O *lead* da notícia também merece atenção especial.

Clássico. Estádio Cheio. Brasil e Argentina. Grama verdinha (sintética), traves na linha de fundo e uma bola oval. Oval? Sim, e com ela as brasileiras conquistaram o bronze no Pan de Toronto, neste domingo (12), batendo as rivais por 29 x 0 (FOLHA ONLINE, 2015).

O discurso utilizado no *lead* reafirma a proximidade do rúgbi com o futebol, esportes considerados como irmãos, criados nas Escolas Britânicas e trazido para o Brasil. Ao apresentar os elementos do futebol brasileiro: clássico, grama e traves a reportagem busca um elo com a identidade nacional, onde o futebol ocupa um lugar de destaque. Cria ainda um sentido de familiaridade para o

⁶ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2015/07/1654836-brasil-goleia-argentina-e-conquista-1-bronze-da-historia-do-rugbi-no-pan.shtml>>. Acesso em: 14 jul. de 2015.

rúgbi, que é quebrado quando apresenta o tipo de bola utilizada ‘a bola oval’, demonstrando um dos elementos essenciais de diferenciação entre os esportes.

Porém somente ao apresentar a resposta para a indagação ‘Oval?’ a notícia deixa clara que a medalha foi conquistada pelas jogadoras brasileiras. Para Simões (2003, p. 15), o estereótipo da mulher-atleta representa um produto de papéis conflitantes com os próprios valores de desigualdade social entre aquele que dominam (homens) e o que são dominados (mulheres). Desta forma reafirma as representações sociais, onde a mulher por questões culturais, sociais e psicológicas foram obrigadas a viver debaixo da dominação masculina.

A matéria do UOL apresenta o título “*Rúgbi é pancadaria? As brasileiras do Pan espantam a imagem da brutalidade*” (Figura 4). O título da matéria através de um questionamento insere a representação da imagem do rúgbi, disseminada entre os que não conhecem a modalidade, como um esporte com pancadaria e remete as características da modalidade esportiva de alto contato, que exige força física, rapidez e explosão. Porém dá ênfase a contribuição da Seleção Brasileira Feminina, para mudar a imagem do esporte, que pode contribuir para aumentar o número de praticantes.

Rúgbi é pancadaria? As brasileiras do Pan espantam a imagem da brutalidade

Rodrigo Mattos
 Do UOL em Toronto (CAN) 12/07/2015 06h00



Ouvir texto Imprimir Comunicar erro



PAN 2015
 Quadro de Medalhas

É comum ver retratos de jogadores de rúgbi sem dentes, com os narizes distorcidos por pancadas. Essa imagem, no entanto, é da modalidade tradicional com 15 atletas. Jogadoras brasileiras no Pan-2015 dizem que a brutalidade passa longe na versão olímpica. Seus rostos não têm sinais

Figura 4. Site Uol Pan

Disponível em: <http://pan.uol.com.br/noticias/2015/07/12/rugbi-e-pancadaria-as-brasileiras-do-pan-espantam-a-imagem-da-brutalidade.htm>>. Acesso em 14 jul de 2015.

Já no lead a notícia informa “É comum ver retratos de jogadores de rúgbi sem dentes, com os narizes distorcidos por pancadas. Essa imagem, no entanto, é da modalidade tradicional com 15

atletas. Jogadoras brasileiras no Pan-2015 dizem que a brutalidade passa longe na versão olímpica”. Portanto reafirma que a modalidade *Rugby Union*, com 15 jogadores é violenta e bruta; e pode ocasionar perda de dentes, narizes distorcidos, etc. Vale destacar que a prática do futebol assim como outras modalidades esportivas, podem também ocasionar os mesmos resultados. Ao dar destaque ‘as pancadas’ que o atleta está sujeito ao praticar o rúgbi, ratifica a representação social de esporte violento e pode espantar o público, assim como novos praticantes.

Um ponto de atenção é a frase “*Seus rostos não têm sinais de violência, e têm os cuidados de beleza de mulheres*”. As modalidades esportivas de alto rendimento tanto para as mulheres como para os homens, pode sim prejudicar a saúde e a estética, mas não são impeditivos para a sua prática. Esse trecho resgata novamente a ideia de que esportes de contato corporal e grande esforço físico são caracterizados como violentos e masculino, enquanto modalidades de menor contato e de leveza são femininas, reforçando os estereótipos criados que o homem é forte, vigoroso e superior, já a mulher é frágil, passiva e dócil.

O ideal masculino sempre este presente representado pela figura do guerreiro. O atleta, sinônimo de atividade e força, corresponde a tal ideal. A mulher, ao contrário, até bem pouco tempo atrás era vista no Ocidente comum um figura passiva, considerada em muitas culturas mais como um objeto a contemplar do que um sujeito ativo. O ideal feminino tradicional é incompatível com a figura do desportista (SIMÕES apud TAMBURRINI, 2001, p. 155).

No portal da ESPN a notícia traz o título “A Seleção Brasileira Feminina de *rugby* bate a Argentina e leva o Bronze”⁷. Já o Portal Terra apresenta reportagem com o título “*Brasil bate a Argentina no rugby feminino e fica com o Bronze*”⁸. As duas notícias de forma geral apresentam a informação e o rúgbi feminino, mas não valorizam a medalha pelo feito inédito. Por outro lado ao utilizar a palavra ‘bate’, remetem também as características atribuídas ao rúgbi como brutalidade e violência. A rivalidade entre Brasil e Argentina nos esportes é resgatada provavelmente como uma forma de atrair a atenção para a notícia.

Considerações Finais

A cobertura midiática através de seus enquadramentos noticiosos colabora para a construção das representações sociais esportivas, em especial para aquelas modalidades que ainda são desco-

⁷ Disponível em http://espn.uol.com.br/noticia/526589_selecao-brasileira-feminina-de-rugby-bate-a-argentina-e-leva-o-bronze>. Acesso em: 14 jul. de 2015.

⁸ Disponível em:< <http://esportes.terra.com.br/lance/brasil-bate-argentina-no-rugby-feminino-e-fica-com-o-bronze.60fb5d327bca31f9d16a74c338e781b0efvtRCRD.html>>. Acesso em: 14 jul. de 2015.

nhecidas, como o rúgbi. Contribui também para reafirmar ou resignificar as representações das mulheres nos esportes, construído ao longo de várias décadas.

O rúgbi, por ser uma modalidade esportiva que está trabalhando para o seu crescimento e evolução com a volta à Olimpíada de 2016 e com a participação nos Jogos Pan-Americanos de 2011 e 2015, ainda é um esporte que busca uma representação. Acredita-se que necessariamente essa construção de representação ou de reafirmação de valores se dará também através das informações e dos produtos jornalísticos veiculados. Ainda hoje o rúgbi busca reconhecimento no Brasil e as suas representações estão sendo edificadas por meio do acesso à informação, onde os indivíduos tem a construção da sua percepção da realidade, sendo também influenciados de alguma forma pelos discursos jornalísticos.

É fato que a persistência feminina abriu caminhos para ascensão das mulheres, para a prática de esportes de alto rendimento, considerados culturalmente como “masculinos”, porém ainda hoje o sexismo é reforçado por alguns enquadramentos noticiosos. Para Del Priore (2007), apesar da sempre crescente da presença feminina na vida esportiva do país, a situação atual das mulheres, ainda deve ser avaliada com cautela. Daí a necessidade de se romper com a representação social normatizada de ‘ser mulher’ no campo esportivo nos dias atuais, pela pluralidade de participação e conquistas.

Os títulos das notícias analisadas trazem representações opostas para a Seleção Brasileira Feminina de Rúgbi; ora são guerreiras e ora são meninas, lutam pela medalha ou têm obrigação pelo favoritismo. Há títulos que valorizam o ineditismo da medalha de bronze conquistada pelo rúgbi feminino no Pan-Americano de Toronto e o outro que simplesmente naturaliza, já que a seleção era favorita. Por outro lado foi possível identificar as características do rúgbi como força e brutalidade, em várias notícias, reforçando o quanto esse esporte está presente na construção social ainda como uma prática masculina.

A identidade nacional através da rivalidade do futebol entre Brasil e Argentina, foi também elemento presente em vários discursos jornalísticos. Aqui cabe uma indagação se essa aproximação com o futebol, necessariamente contribui com o desenvolvimento do rúgbi no Brasil ou se serve apenas para atrair a atenção para a notícia.

De forma geral os discursos adotados pelas mídias digitais analisadas, refletem ainda um rúgbi como uma prática ‘masculina’, demonstrando o longo caminho que as jogadoras de rúgbi terão que percorrer para que a modalidade seja reconhecida e valorizada no país, como uma prática feminina. Portanto esse trabalho não se encerra, mas é o início de novas oportunidades de compreensão de como as “jogadoras de rúgbi” serão representadas durante a realização dos Jogos Olímpicos no Brasil.

Referências

- CBRu – Confederação Brasileira de Rúgby. **Plano Estratégico de Ação 2010**. Disponível em: <http://www.brownbag.com.br/brasilrugby/v1/..%5Carquivos%5CCBRu_Plano_Estrategico_de_Acao_2010.pdf>. Acesso em 10 de jun. 2015.
- DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/ Edunesp, 1997.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade**. Cadernos de Formação RBCE, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 71-83, 2010.
- IRB. Internacional Rugby Board. *Rugby Seven* confirmado nas Olimpíadas. Disponível em: <<http://www.worldrugby.org/rugbyandtheolympics/news/newsid=2070257.html#olympic+rugby+sevens+qualification+confirmed>>. Acesso em 09 de jun. 2015.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Tradução Pedrinho A. Guareschi. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- HALL, Stuart. **El trabajo de la representación. In Representation: Cultural Representations and signifying practice**. London, Sage Publications, 1997. Trad. De Elías Sevilla Casas. Disponível em: http://metamentaldoc.com/14_El_trabajo_de_la_representacion_Stuart_Hall.pdf>. Acesso em 10 maio de 2015.
- ODEHA. Organização Desportiva Pan-Americana. **Historia Juegos Panamericanos**. Disponível em: <<http://www.paso-odepa.org/juegos-panamericanos.html>> Acesso em: 13 de jul. de 2015.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- RASEAM – Relatório Anual Socioeconômico da Mulher de 2014. Disponível em: <http://www.spm.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/publicacoes/2015/livro-raseam_completo.pdf>. Acesso em 10 jun. de 2015.
- SIMÕES, Antonio Carlos (org). **Mulher & Esporte**: mitos e verdades. Editora Manole Ltda. São Paulo, 2003.
- TURINI, Marcio; DaCOSTA Lamartine. **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002. Disponível em: <[http://www.uel.br/projetos/cenesp/livros/estolimpicos/Texto%20\(Volume%201\).pdf](http://www.uel.br/projetos/cenesp/livros/estolimpicos/Texto%20(Volume%201).pdf)>. Acesso em: 08 maio de 2015.